© DGKN GRKN/iStock

Fé e Solidão

Que quer dizer realmente "estar sozinho"? E como é possível viver a "finita infinitude" que somos? Uma viagem pela necessidade mais profunda de cada um e pela resposta do cristianismo. A fala do presidente da Fraternidade de CL no congresso "Inimiga solidão", para o II Dia Nacional Contra a Solidão (Florença, 16 de novembro de 2019)

Julián Carrón

A solidão é um fenômeno de inúmeras facetas, que sem dúvida serão abordadas proficuamente neste congresso. A definição mesma de solidão que consta do programa já atesta a variedade de significados que a palavra pode assumir: a solidão é "definida como a sensação subjetiva da falta de um apoio no momento da necessidade. [...] A solidão [...] exerce uma influência negativa na saúde" (do site *nemicasolitudine2019.com*). Mas, muito embora possa ser entendida assim, resta aberta a pergunta sobre a natureza da "necessidade" e da "falta" que provoca a solidão.
Veem-me à mente os versos do poeta Mario Luzi:

De que é falta esta falta,
coração,
de que de repente te enches?
De quê? Rompido o dique,
inunda-te e te submerge
a cheia da tua indigência...
Vem,
talvez venha,
de além de ti
um chamado
que agora, por agonizares, não escutas.
Mas existe, a música perpétua
preserva sua força e canto... Voltará.
Tende calma
(*Sotto specie umana*, Milão: Garzanti, 1999, p. 190)

A interrogação do poeta agrava a urgência de compreender a fundo a natureza da solidão.
No contexto de um congresso que pretende oferecer, como se lê no programa, "um panorama das principais causas que determinam hoje a solidão das pessoas de toda e qualquer idade, particularmente as idosas", pediram-me que falasse de "fé e solidão". Mas para indicar a contribuição que a fé pode

© spfoto/iStock

dar, antes é preciso identificar com precisão em que consiste a solidão humana, que nas pessoas idosas adquire uma dramaticidade particular.

1. Solidão: no coração de cada empenho sério com a própria humanidade

A solidão é uma experiência elementar do homem. O gênio poético de Giacomo Leopardi ilustra-o de maneira insuperável em seu *Canto noturno de um pastor errante da Ásia*:

Amiúde, ao te ver
Muda assim sobre campos que, desertos,
Lá na distância com o céu confinam; [...]
E quando olho a amplidão, de estrelas cheia,
Penso e digo comigo:
Por que tanta candeia?
Por que estes ares infinitos, este profundo
Infinito sereno? que quer dizer esta
Imensa solidão? e eu, que sou eu?
("Canto noturno de um pastor errante da Ásia", vv. 79-89, in G. Leopardi, *Poesia e prosa*,
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 254)

Olhando para a lua e para tudo o que no céu remete à vastidão do cosmos, o pastor errante não pode evitar pôr-se a questão que o aflige: "Penso e digo comigo: [...] que quer dizer esta imensa solidão?" Logo a pergunta sobre o significado de tal cósmica e imensa solidão leva o poeta a questionar-se sobre sua natureza humana: "E eu, que sou eu?" Leopardi intui que a solidão imensa da lua, das estrelas, do ar e do céu tem que ver com sua humanidade, com sua solidão, implica-a, pois dela extrai seu sentido, tornando-se imagem dela. Só o ser humano é que pode dar-se conta da solidão. Nesse sentido, o eu é a autoconsciência do cosmos.
Emily Dickinson captou bem a diferença da solidão experimentada pelo eu em comparação com a solidão inconsciente do mundo natural:

Há uma solidão do espaço
e do mar há solidão,
solidão da morte, mas
alegres parecerão
comparadas à mais funda
e polar intimidade
de uma Alma diante de si própria –
a finita infinidade.
(J. de Sena, E. Dickinson, *80 Poemas de Emily Dickinson*,
Lisboa: Guimarães Editores, 2010)

Nenhuma solidão é comparável à da alma na presença de si mesma. Trata-se de algo que carregamos em nós estruturalmente: finita infinidade. Parece uma contradição em termos, mas é justamente este o paradoxo do homem.

Portanto, quanto mais toma um homem consciência de si, mais se mostra a seus olhos a natureza da solidão que experimenta. "Quanto mais descobrimos nossas exigências, tanto mais tomamos consciência de que não podemos satisfazê-las por nós mesmos, nem o podem os outros, homens como nós. O sentimento de *impotência* acompanha cada experiência séria de humanidade. É este sentimento de impotência o que gera a *solidão*. A solidão verdadeira não provém do fato de se estar fisicamente só, mas sim da descoberta de que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros. Pode-se perfeitamente dizer que o sentimento da solidão nasce exatamente no coração de cada empenho sério com a própria humanidade. Pode entender bem isso quem acredite ter encontrado a solução de uma grave necessidade sua em alguma coisa ou alguém: e isto desaparece, escapa-lhe, ou se revela incapaz. Estamos sozinhos com as nossas necessidades, com a nossa necessidade de ser e de viver intensamente" (L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, São Paulo: Cia Ilimitada, 2006, pp. 105-106).

Quanto mais o homem é consciente da dimensão ilimitada de seu desejo e de sua igualmente ilimitada impotência em responder a ele, mais atenta para essa solidão: o problema da vida "não pode encontrar resposta em nós ou nos outros". É uma solidão da qual normalmente tentamos fugir, pois com ela é difícil conviver: "Pouco a pouco – escreveu Nietzsche – fui vendo mais claramente o defeito mais difundido de nossa maneira de ensinar e de educar: ninguém aprende, ninguém aspira, ninguém ensina – *a suportar a solidão*" (F. Nietzsche, "[443] Sobre a educação", in: Idem, *Aurora*: São Paulo, Cia. das Letras, 2005).

2. A solidão: inimiga ou amiga?

O título deste congresso parece sugerir que, à pergunta sobre a natureza da solidão, já esteja dada uma resposta de partida: "Inimiga solidão". Mas o fato de terem desejado propor um tema faz pensar que ainda haja espaço para uma percepção dela diferente. Perguntemo-nos, então: é possível não padecer a solidão como inimiga?

Estar sozinho constitui para todos uma forte provocação, deixa-nos num beco sem saída, obrigando-nos a acertar as contas com nós mesmos, desafiando radicalmente a nossa razão e a nossa liberdade. Conforme a maneira com que a vivemos, a solidão pode ser uma condenação ou uma conquista. Ela representa pois uma encruzilhada, um drama aberto. Para o sociólogo Zygmunt Bauman, renunciar à solidão pode representar uma grave perda: "Fugindo da solidão, você deixa escapar a chance da *solitude*: dessa sublime condição na qual a pessoa pode 'juntar pensamentos', ponderar, refletir sobre eles, criar – e, assim, dar sentido e substância à comunicação" (*44 cartas do mundo líquido moderno*, Rio de Janeiro: Zahar, 2011). Nesse sentido, a solidão apresenta-se como tudo, menos inimiga. "A solidão não é uma loucura, é indispensável para estar bem em companhia", dizia uma música de Gaber ("A solidão - 1976", *Libertà obbligatoria*, Carosello, 1976).

Já outros têm uma percepção oposta. Uma das mais tocantes expressões literárias de uma experiência negativa da solidão é a que nos deixou Pascoli no poema *Os dois órfãos*, em que ele descreve de maneira pungente o diálogo de dois irmãos após a morte da mãe, à noite, enquanto estão na cama:

"Hoje nada nos conforta,
e estamos sozinhos na noite escura."
"Ela estava lá, depois daquela porta;
e dava para ouvir um murmúrio fugaz,
de vez em quando." "E agora mamãe
está morta."
"Lembras-te? Naquele tempo não vivíamos
tão tranquilos, entre nós..." "Nós agora
nos comportamos
bem melhor..."
"agora que já não há quem se compraza
de nós..."
"que já não há quem nos perdoe"
(*Poesie*, Milão: Garzanti, 1994, pp. 354-355).

Conquista ou condenação: são duas formas diferentes e contrastantes de viver a solidão. Testemunha-o claramente Etty Hillesum, jovem judia que morreu em Auschwitz:

"Até a dor mais profunda pode levar-nos a descobrir horizontes absolutamente desconhecidos"

"Conheço duas formas de solidão. Uma me faz sentir terrivelmente infeliz, perdida e quase suspensa; a outra me torna forte e feliz. A primeira está sempre presente quando não me sinto em contato com meus semelhantes, quando em geral não tenho o mais mínimo contato com absolutamente nada: então fico completamente excluída de todos e de mim mesma, não agarro o sentido desta vida nem vejo o que une as coisas, não enxergo meu lugar nesta existência. Já no outro tipo de solidão, sinto-me forte e segura, em contato com todos, com tudo e com Deus, e sei que posso enfrentar a vida sozinha sem depender dos outros. Nesses momentos, sinto-me parte de um todo rico de significado, imenso, e parece-me que ainda posso dar muita força também aos demais" (*Diario*, Milão: Adelphi, 2012, pp. 139-140). Portanto, o que faz a diferença entre as duas formas de solidão não é estar sozinho ou acompanhado, mas viver uma vida cheia de significado ou não.

O psiquiatra Eugenio Borgna, que se debateu a vida inteira com o drama da solidão como aparece na doença mental, ajuda-nos a identificar o que está em ação na diferença entre essas duas formas de solidão: "Solidão e isolamento são dois jeitos radicalmente diferentes de viver, embora normalmente sejam equiparados. Estar só não significa sentir-se só, mas separar-se temporariamente do mundo das pessoas e das coisas, das ocupações diárias, para entrar na própria interioridade e na própria imaginação – sem perder o desejo e a saudade da relação com os outros: com as pessoas amadas, e com as tarefas que a vida nos designou. Porém ficamos isolados quando nos fechamos em nós mesmos, porque os outros nos recusam ou mais comumente por causa da nossa própria indiferença, de um egoísmo lúgubre que é efeito de um coração árido ou ressecado" ("La solitudine come rifugio ai tempi del social network", entrevista a Luciana Sica, *la Repubblica*, 18 de janeiro de 2011).

Quer dizer, esses dois modos não se impõem mecanicamente na vida humana, de modo que o homem nada possa fazer a respeito. Em todo ato humano está sempre envolvida a liberdade. Por conseguinte, em ambos os casos cada um escolhe "estar sozinho", ou seja, separar-se temporariamente das pessoas e das coisas para descobrir o significado de si, ou então "isolar-se", fechando-se em si mesmo por não haver nada que descobrir.

Mas o ser humano não está condenado a viver a solidão como um fechamento, sem laços com nada nem com ninguém, em qualquer situação em que esteja, com as próprias feridas e com as próprias rachaduras, como ilustra uma famosa jornalista num artigo intitulado *A minha rachadura*: "Desde a adolescência, e talvez até antes, eu sempre tive a ideia de ter nascido com algo de errado. Algo que não funcionava como deveria, como se eu tivesse sido uma casa e aquele erro uma rachadura profunda numa parede de sustentação [...]. Era o mal de viver descrito numa poesia de Montale: 'Era o arroio arrochado que gorgolha, ou era o esturricar-se de uma folha ardida, era o cavalo esquartejado', estudamos na escola – mas ninguém na classe chegou a ter a dúvida se estava falando de nós. Desde menina eu me olhava no espelho de manhã, sorria para mim, pensava na minha rachadura e me dizia: chega, você está se preocupando com quê? você é jovem, é bonita. Ao crescer, porém, a rachadura parecia aprofundar-se, negra na minha parede branca interior. Alargou-se, transformou-se em melancolia: depois patológica, depressão profunda. Fui a alguns médicos, me trataram, senti-me melhor; depois de novo, intermitentemente, a rachadura evidenciava-se, doendo, e sussurrava: você não está curada [...]. Eu li Mounier. 'Deus passa pelas feridas', escreveu. E refleti sobre isso: será que a minha rachadura era uma brecha numa parede impermeável, um rasgo necessário? Por que essa ferida? Se ela não existisse, eu fisicamente saudável, eu não pobre, eu sortuda, não precisaria de nada. É uma salvação esse muro rachado, essa falha pela qual um jorro de graça, incontrolado, pode entrar e fecundar a terra árida e dura" (M. Corradi, "La mia crepa", *Tempi*, 19 de outubro de 2017, p. 46).

É esta a tensão dramática, a luta que Etty Hillesum descreve: "É verdade, trazemos tudo mesmo dentro de nós, Deus e o céu e o inferno e a vida e a morte e os séculos, muitos séculos. Um cenário, uma representação mutável das circunstâncias exteriores. Mas temos tudo em nós mesmos, e essas circunstâncias jamais podem ser tão determinantes, porque sempre vão existir circunstâncias que – boas ou más – deverão ser aceitas, o que não impede que depois nos dediquemos a melhorar as más. Mas deve-se saber por quais motivos se luta, e deve-se começar

© tg81/iStock

por nós mesmos, todo dia do começo" (*Diario*, op. cit., pp. 677-678).

Que razão podemos ter para engajar-nos nessa luta? Só um amor a nós mesmos. De fato, até a dor mais profunda pode levar-nos a descobrir horizontes absolutamente desconhecidos; mas para nos abrirmos a essa possibilidade cumpre olharmos para essa dor com aquela abertura positiva que define a natureza mais profunda da liberdade humana: "A dor da alma – escreve Borgna novamente – é uma experiência que faz parte da vida, enfim, e que não pode ser considerada como consequência exclusiva de uma patologia". A dor da alma tem sua raiz na experiência humana e é irredutível a qualquer patologia. "Mesmo na depressão e na angústia [...] o sofrimento nada perde de sua dignidade, [...] dilata drasticamente nossas inclinações à introspecção, à busca das mais profundas experiências interiores" (*La solitudine dell'anima*, Milão: Feltrinelli, 2013, p. 51). Hillesum mais uma vez confirma isso: "Se toda essa dor não amplia nossos horizontes nem nos torna mais humanos, libertando-nos das pequenezes e das coisas supérfluas desta vida, então foi inútil" (*Diario*, op. cit., p. 732).

Eis então a verdadeira natureza da solidão que isola: "A solidão, na realidade, não é estar sozinho, mas é a ausência de um significado" (L. Giussani, *O senso religioso*, Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 132). Não nos sentimos sozinhos por estarmos sozinhos, mas por faltar o significado que dá perspectiva e consistência ao instante, que nos conecta aos outros e às coisas. E parece-me que justamente essa falta de significado seja a característica do viver mais difundida hoje, como reconhece Umberto Galimberti: "Em 1979, quando comecei a trabalhar como psicanalista, as questões eram emocionais, sentimentais e sexuais. Agora elas dizem respeito à falta de significado". Isso não é só para uma idade particular, mas pode-se viver "a velhice aos vinte anos"; com efeito, "os jovens não estão bem, mas eles nem entendem por quê. Falta-lhes o objetivo" (U. Galimberti, "A 18 anni via da casa: ci vuole un servizio civile di 12 mesi", entrevista a S. Lorenzetto, *Corriere della Sera*, 15 de setembro de 2019). Teilhard de Chardin predissera isso há mais de sessenta anos: "O maior perigo que a humanidade pode temer hoje não é uma catástrofe que venha de fora, uma catástrofe sideral, tampouco é a fome, ou a peste; mas

sim aquela doença espiritual, a mais terrível pois o mais diretamente humano dos flagelos, que é a perda do gosto de viver" (cf. *O fenômeno humano*, São Paulo: Cultrix, 2014). Essa perda torna a pessoa cada vez mais frágil dentro do contexto social. E o fruto amargo dessa vulnerabilidade é viver como alheio a si mesmo e aos demais, isolado embora no meio da multidão.

"Se não impedimos a exigência de significado que sempre resta no coração humano, ela, olhada até o fundo, conduz-nos a descobrir na profundidade de nós mesmos uma 'companhia mais original do que a solidão'"

3. Solidão, o lugar onde se descobre a companhia original

Mas há outra forma de solidão, que levou São Bernardo a dizer: "*O beata solitudo, o sola beatitudo*" (expressão latina atribuída a São Bernardo de Claraval). Ela é o oposto do isolamento. Se não impedimos a exigência de significado que sempre resta no coração humano, ela, olhada até o fundo, conduz-nos a descobrir na profundidade de nós mesmos uma "companhia [...] mais original que a solidão". A exigência de um significado para viver, com efeito, "não é gerada pela minha vontade, mas me é dada"; embora ela seja constitutiva do nosso eu, não é produzida por uma iniciativa nossa, provém de outra coisa. Desta forma, "antes da solidão está a companhia que abraça a minha solidão, por isso não é mais verdadeira solidão, mas grito de apelo à companhia escondida" (L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 89).

Mas afinal, o que é essa companhia escondida? Como descobri-la? "A consciência de si mesmo até o fundo percebe, no fundo de si, um Outro. [...] O eu, o homem, é aquele nível da natureza no qual ela percebe não ser feita por si mesma. De modo que todo o cosmos é como a grande periferia do meu corpo sem interrupção. [...] Sou porque sou feito. [...] Assim, não posso dizer 'Eu sou' de forma consciente, segundo a totalidade da minha estatura de homem, a não ser identificando o eu com 'Eu sou feito'" (*Ibidem*, pp. 163-164).

Etty Hillesum nos dá um testemunho poderoso disso em seu *Diário*: "Dentro de mim há uma fonte muito profunda. E nessa fonte está Deus. Às vezes consigo alcançá-la, mais amiúde ela está coberta de pedras e terra: então Deus está enterrado. Então preciso desenterrá-lo de novo" (*Diario*, op. cit., p. 153). E acrescenta: "Se, depois de um processo trabalhoso que avançou dia após dia, conseguirmos abrir-nos uma senda até as fontes originárias que temos dentro de nós, e a que eu vou chamar 'Deus', e se depois fizermos com que essa senda fique sempre livre, 'trabalhando em nós mesmos', então nos renovaremos continuamente e já não teremos de nos preocupar com consumir todas as nossas forças" (*Ibidem*, p. 777).

Trata-se então de reconhecer e de viver a relação com o Outro – Deus, o Infinito –, uma relação que está ao alcance de todos, em qualquer circunstância. Borgna escreve: "Mesmo quando estamos sozinhos [...] é possível escutar o infinito que está em nós. [...] O infinito, essa dimensão secreta da vida, está em nós: palpitante e vivo; e não se apaga na medida em que não nos deixamos fascinar e devorar pelo tumulto, e pelo barulho" (*La solitudine dell'anima*, op. cit., p. 24). Esse Outro, esse Infinito, só é alcançável por quem se compromete até o fundo consigo mesmo, sem deixar-se distrair ou devorar pelo tumulto e pelo barulho.

"A vida se exprime, portanto, como consciência da relação com quem a criou [...]. Só assim a solidão é eliminada: na descoberta do Ser como amor que Se doa continuamente", fazendo-me ser agora. Há um Outro que quer que eu seja, para o qual é precioso que eu exista e graças ao qual eu nunca estou só. Por isso, "a existência se realiza substancialmente como diálogo com a grande Presença que a constitui, companheiro inseparável. A companhia está *no* eu, não há nada que façamos apenas por nós mesmos,

sozinhos [pois a todo instante somos gerados por Outro]. Toda amizade humana [toda tentativa de resposta a essa solidão] é reflexo da estrutura original do ser [ou seja, da companhia original que um Outro nos faz ao nos dar a vida agora], e cada vez que isso é negado sua verdade está sob ameaça" (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2012, p. 133).

Para explicar, Dom Giussani serve-se de uma analogia: "A consciência verdadeira de si é bem representada pela criança nos braços do pai e da mãe. Ela pode entrar em qualquer situação da existência com uma profunda tranquilidade, com uma possibilidade de letícia. Não há sistema terapêutico que tenha essa pretensão, a não ser mutilando o homem. Muito frequentemente, para tolher a censura de certas feridas, censura-se o homem na sua humanidade" (*O senso religioso*, op. cit., p. 164), com o resultado de agravar ainda mais o drama da vida.

Apesar dessa possibilidade de descobrir a companhia que está no eu, acessível a todos, o ser humano é tão frágil que normalmente vive prisioneiro das circunstâncias e se pergunta: "Quem me há de libertar desta situação mortal?" De fato, até "no mundo de hoje, tão deserto de presença, onde o homem é tão solitário, [...] tão só e então tão frouxo (tem a fragilidade de uma criança – de modo repugnante, pois já não é criança, é um adulto-criança, presa de quem quer que o pegue primeiro, o agarre primeiro –, incapaz de crítica, incapaz de cultivar um olhar crítico, de usar categorias mais corretas e menos corretas), num mundo onde o homem é tão prisioneiro de quem, de qualquer modo, se apresenta mais forte que ele, neste mundo permanece, no fundo, intacta a espera pela salvação" (L. Giussani, *In cammino. 1992-1998*. Milão: Bur, 2014, p. 43).

Essa espera pode ser expressa das mais diversas maneiras e resiste apesar do niilismo hoje desenfreado. Um caso emblemático é o do romancista francês Michel Houellebecq, que identifica a necessidade de salvação com o desejo de ser amado, de não ficar sozinho. É um desejo inextirpável, que está dentro das fibras do ser de cada homem, mesmo de um ateu ferrenho como Houellebecq. Numa carta pública a Bernard-Henri Lévy, ele descreve assim essa espera indestrutível: "Para mim é penoso admitir que cada vez mais senti o desejo de ser amado. Um mínimo de reflexão convencia-me naturalmente, toda vez, do disparate de tal sonho: a vida é limitada e o perdão impossível. Mas a reflexão não podia fazer nada, o desejo persistia, e tenho que confessar que persiste até hoje" (F. Sinisi, "Michel Houellebecq. 'A vida é rara'", *Passos*, ago/2019, p. 33). É esta a irredutibilidade do homem: o desejo de ser amado permanece e a experiência demonstra-o continuamente.

4. A solidão só pode ser vencida por uma presença

E assim voltamos a Leopardi e à "solidão imensa" do pastor errante da Ásia, metáfora do homem em caminho. Há dois mil anos tal homem – o homem que é cada um de nós – é alcançado por um anúncio: Deus, a origem de tudo o que existe, tornou-se um homem, o propósito daquele "profundo infinito sereno" e dos "ares infinitos" é "o Deus feito homem". E "quando você descobre que o valor de todas as coisas é o Verbo encarnado [...] então o céu azul e a profundidade do ar [...] ganham riqueza e beleza. Por exemplo, você olha para eles com mais paz, porque sabe como tudo vai acabar, sabe que não lhe serão tirados, sabe que os aproveitará para sempre (L. Giussani, *Affezione e dimora*, Milão: Bur, 2001, pp. 413-414).

É uma experiência que Dom Giussani experimentou na própria pele, e por isso pode ser uma testemunha confiável para quem quer que esteja numa situação de solidão. Em sua última entrevista ao *Corriere della Sera*, no dia de seu octogésimo segundo aniversário (15 de outubro de 2004), poucos meses antes de morrer, quase resumindo o percurso de sua longa existência, ele disse: "Hoje o homem vive uma espécie de dispepsia existencial, uma alteração das funções elementares que o torna dividido. [...] À solidão brutal a que o homem chama a si mesmo, quase para se salvar de um terremoto, oferece-se como resposta o cristianismo. O cristão encontra resposta positiva [a essa situação existencial] no fato de que Deus se tornou homem: esse é o acontecimento que surpreende e conforta a, de outro modo, má sorte. E para Deus não é concebível o próprio agir em relação ao homem a não ser como um 'generoso desafio' à sua liberdade". Deus não se impõe ao homem, mas espera ser acolhido livremente. Portanto, "a objeção moderna de que o cristianismo e a Igreja reduziriam a

"Deus não se impõe ao homem, mas espera ser acolhido livremente"

© Free-Photos/Pixabay

liberdade do homem fica anulada pela aventura do relacionamento com o homem por parte de Deus. E, em vez disso, por causa de uma ideia limitada de liberdade, para o homem de hoje é inconcebível pensar que Deus se empenhe na estreiteza de um relacionamento com o homem, quase negando-se. Esta é a tragédia: o homem parece mais preocupado em afirmar a sua própria liberdade do que em reconhecer essa magnanimidade de Deus, a única que fixa a medida da participação do homem na realidade e assim o liberta realmente" ("O empenho de Deus com a brutal solidão do homem", entrevista a Gian Guido Vecchi, *Passos*, dez-jan/2015, pp. 2-3).

Uma presença. Este é o maior desafio à razão e à liberdade do homem, a resposta à busca de significado. Uma presença que se oferece como verdadeira companhia ao homem consciente da impotência que o constitui. "Com amor eterno eu te amei, por isso te atraí para mim, tendo piedade do teu nada" (cf. Jr 31,3ss). Deus comoveu-se tanto com o nada que somos, com a solidão que não sabemos vencer com nossos esforços, que mandou ao mundo Seu Filho. E como o Pai, assim Cristo sentia uma piedade infinita por aqueles que cruzavam com Ele. Há um episódio, contado no Evangelho, que descreve essa comoção vivida: Jesus está andando pelos campos com seus discípulos quando avista um cortejo; é o funeral do filho único de uma mãe viúva. Ele aproxima-se dela e diz-lhe: "Mulher, não chores!" (Lc 7,11-17). Como ela não deve ter-se sentido investida por aquele abraço, que superava todo e qualquer sentimento humano e lhe devolvia a esperança! Aquela morte não era o fim de tudo, aquela mãe viúva não estava condenada a ficar sozinha, porque a semente da Ressurreição estava presente naquele Homem que lhe dizia aquelas palavras inéditas e que logo depois lhe devolveu aquele filho vivo.

Então a dor – que tantas vezes isola e interrompe as relações, até as mais íntimas – já não paralisa, mas torna-se problema, como escreve C. S. Lewis: "Em certo sentido, [o cristianismo] cria, em vez de resolver, o problema do sofrimento, pois este não seria um problema se, aliado à nossa experiência diária neste mundo de dor, não tivéssemos recebido o que julgamos ser uma boa certeza de que a realidade última é justa e amorosa" (*O problema do sofrimento*, São Paulo: Vida Livros, 2006, pp. 29-30).

Grande conhecedor do drama humano, Paul Claudel observa: "Uma questão apresenta-se continuamente na alma do doente [isto vale também para quem está na solidão]: 'Por quê? Por que comigo? Por que tenho de sofrer?' [...] A esta que é a mais antiga das questões terríveis da humanidade, à qual Jó deu sua forma quase

oficial e litúrgica, só Deus, diretamente interpelado e chamado em causa, era capaz de responder, e a questão era tão enorme que o Verbo só podia encará-la fornecendo não uma explicação, mas uma presença, conforme estas palavras do Evangelho: 'Eu não vim para explicar, para dissipar as dúvidas com uma explicação, mas para preencher, ou melhor, para substituir com a minha presença a necessidade mesma da explicação'. O Filho de Deus não veio para destruir o sofrimento, mas para sofrer conosco" (*Toi, qui es-tu?*, Paris: Gallimard, 1936, pp. 112-113), isto é, veio ao mundo para acompanhar-nos na vivência do sofrimento, fez-se companhia ao homem em qualquer situação em que venha a encontrar-se.

Nesse sentido, a fé oferece uma contribuição à solução do problema humano, pondo o eu na condição ideal para procurar uma resposta àquela solidão que, como lembramos no início, "nasce exatamente no coração de cada empenho sério com a própria humanidade". À pergunta do pastor errante, o cristianismo responde com uma presença que se faz companhia ao homem dentro da materialidade da existência. Não é porventura de uma presença que precisamos para poder enfrentar sem medo a labuta diária da vida? Não é porventura disso que mais precisam as pessoas idosas solitárias?

"Tornando-nos velhos, [...] somos mais solitários, mas daquela solidão que domina cada vez mais conscientemente tudo o que nos circunda, o céu e a terra. É o que minha saudosa mãe me dizia, indo à missa na primeira manhã, às cinco e meia, de um dia de fim de inverno, quando já começara a primavera. Eu tinha cinco anos e saltitava atrás dela, que tinha um passo muito rápido. Naquela serenidade total, com uma só estrela restando no céu, [...] disse-me [...]: 'Como é belo o mundo e como é grande Deus'. [...] É irracional pensar na realidade contingente, na qual nada se faz por si, sem implicar aquele algo de misterioso do qual tudo flui, do qual todas as coisas extraem seu ser. 'Como é belo o mundo e, *portanto*, como é grande Quem o faz'" (L. Giussani, *Avvenimento di libertà*, Gênova: Marietti 1820, 2002, p. 14).

Para um homem consciente de si, a solidão pode tornar-se a amiga de seus dias, pois cheia do diálogo ininterrupto com o Mistério que faz todas as coisas e que se fez um homem, permanecendo presente na história por meio de uma realidade humana constituída dos homens que são sinal dele. Esta é a contribuição que a fé dá, não para "suportar" a solidão, mas para aceitá-la e vivê-la – por mais dura e dolorosa que seja – na consciência de que há Alguém que firmou uma aliança com o nosso coração e para o qual somos preciosos tal como somos.

O Papa Francisco descreveu a solidão como "o drama que [...] aflige muitos homens e mulheres. Penso nos idosos abandonados até pelos seus entes queridos e pelos próprios filhos; nos viúvos e nas viúvas; em tantos homens e mulheres, deixados pela sua esposa e pelo seu marido; em muitas pessoas que se sentem realmente sozinhas, não compreendidas nem escutadas; nos migrantes e refugiados que escapam de guerras e perseguições; e em tantos jovens vítimas da cultura do consumismo, do 'usa e joga fora' e da cultura do descarte" (*Homilia na Santa Missa de abertura da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 4 de outubro de 2015).

De toda essa humanidade ferida vem um grito que chama a cada um de nós para uma responsabilidade. Quantas pessoas estão sozinhas porque ninguém pousa o olhar nelas, ninguém lhes diz: "Você vale. Do jeito que você é, o seu eu vale mais do que todo o universo!" É o testemunho de muitos que se dedicam aos idosos através de uma imensidão de iniciativas – das quais vocês são um exemplo evidente –, combatendo assim contra aquilo a que o Papa chama "cultura do descarte". Pessoas com um olhar que saiba valorizar o patrimônio de vida dos idosos, fazendo-lhes companhia na última fase do caminho, são uma contribuição decisiva para responder ao vazio de sentido que está na origem daquela solidão – esta, sim, inimiga – a que são condenados cada vez mais homens e mulheres, jovens e idosos hoje, descartados por serem considerados inúteis. Mas ninguém é inútil, toda pessoa tem um valor incomensurável, segundo o que nos lembra o Evangelho: "Que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida? Que poderia dar em troca de sua vida?" (Mt 16,26). É possível imaginar uma afirmação mais plena da dignidade absoluta de cada indivíduo e um olhar mais valorizador do humano do que este? ■